



um tesão de revista #16

OUTUBRO • 2013

# O mundo é bão

Mas o que fazer num mundo mediado pela TV? Apontamos alguns caminhos...

# Sebastião

Um ser humano cuja dignidade tem lavado a alma de muitos de nós, brasileiros

# #DIREITOS INDIGENAS

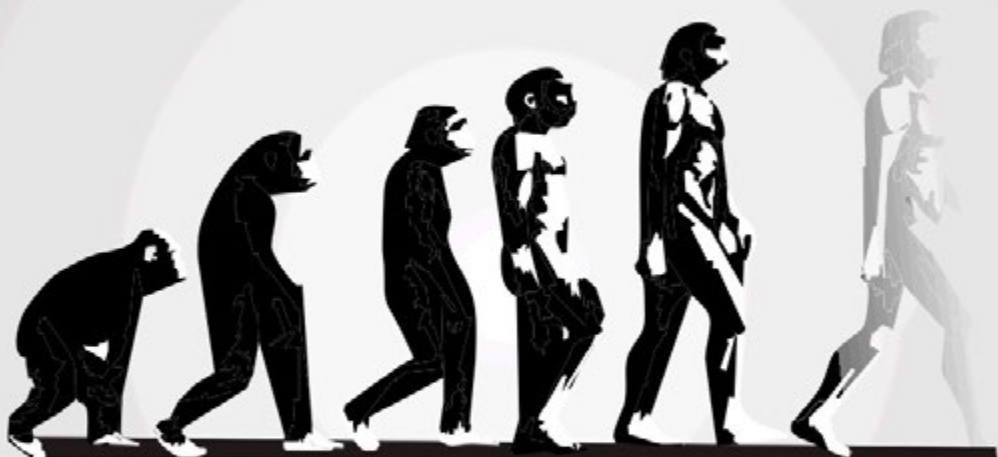
**EU APOIO**

## Saiba como participar da Mobilização Nacional Indígena

De **30/09 a 5/10** acontece a Mobilização Nacional Indígena convocada pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) em defesa dos direitos dos povos indígenas e tradicionais, que vêm sendo sistematicamente golpeados pelo Congresso Nacional. Além de ir para a rua e engrossar as manifestações já confirmadas, todos podem ajudar na mobilização, divulgando as ações que irão acontecer pelo país.

- Confirme presença e convide seus amigos para o evento no Facebook [www.facebook.com/events/420277334743043](http://www.facebook.com/events/420277334743043)
- Escolha um avatar que represente um povo indígena e mude sua foto de perfil no Twitter e no Facebook para manifestar seu apoio à Mobilização <http://twibbon.com/1179781382>
- Divulgue o blog da Manifestação Nacional Indígena e as notícias postadas sobre os ataques aos direitos indígenas e sobre as manifestações.
- Para mostrar seu apoio, baixe aqui <http://www.greenpeace.org/brasil/Global/brasil/image/2013/Setembro/direitos%20indigenas%20eu%20apoio%20a4%201x0.pdf> o cartaz com a mensagem #DireitosIndigenas - Eu Apoio, tire uma foto (use a sua criatividade para lugares e figurinos) e publique no Facebook, Twitter e Instagram com a hashtag #DireitosIndigenas
- Espalhe os vídeos com depoimentos de importantes lideranças convocando para as manifestações
- Participe das manifestações e ações de apoio!





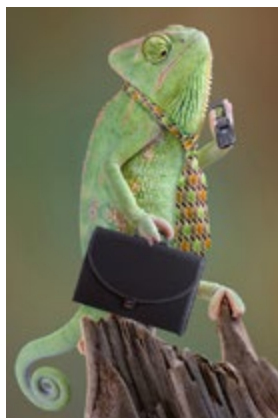
Nem a mais perfeita evolução das espécies resistirá às mudanças climáticas

Preservar é uma questão de sobrevivência

**GREENPEACE**

# Você decide!

**SEJA INTELIGENTE E APAREÇA AQUI**



**OU CONTINUE APARECENDO AQUI**



Kalango, há 3 anos com você.



### CAPA

**Garras de uma iguana na ilha Galápagos captadas por Sebastião Salgado para o livro “Gênesis”.**

**Papa Francisco fala de homem para homem** - Leonardo Boff

**Uma procissão** - Paulo Netho

**Palavrões?** Sonia Mara Ruiz Brown / **Suportar a vida** - Orivaldo Biagi

**Crepúsculo** - Mario Sérgio de Moraes

### SOCIEDADE MEDIADA

**Fantasmas reais e imaginários** - Marcelo Rio

**Novos medos da Internet** - William Araújo

**Boataria na rede** - Helton Costa e Rafael Kondlatsch

**BRISA:** Um dia no asilo - Delta9

**PALAVRA:** Conselho de dono - Renata Roquetti

**CAPA: SEBASTIÃO SALGADO** - Mercedes Lorenzo

**O índio nosso de cada dia** - Maurício Andrade

### LETRA

**Tem de tudo no varal** - Marcelino Lima

**O controle: remoto** - Andreia Peinado

### IMAGEM

**Diálogo Surdo** - Nestor Lampros

**Paisagens Movidas** - Ana Procopiak

**Memória sob tapumes** - Taiana Ferraz e Júlia Holzhauser

**ENTREVISTA: Olivier Anquier** - Rubens Paschoal

**ARTE: O fim da MTV** - Jesse Medeiros

Revista Kalango. Edição #16. Outubro de 2013. Editor: Osni Dias MTb21.511. A Kalango trabalha de forma colaborativa com profissionais liberais, da academia e do jornalismo. Independente, a publicação não tem vínculos políticos, econômicos, nem religiosos. Você pode ler a Kalango online ou fazer download e, posteriormente, ler em seu computador. Em breve, edição impressa. Colabore, compartilhe. Quer anunciar? Seja um patrocinador e ajude uma mídia independente. Escreva para [revistakalango@gmail.com](mailto:revistakalango@gmail.com)



### VIAGEM

**Capadócia**



**Luis Pires foi até a Capadócia e conheceu a maior área troglodita do planeta**





# Editorial

Kalango #16 Outubro 2013

A concentração da mídia nas mãos de poucas famílias faz com que a informação chegue a milhões de pessoas, porém transformando-se rapidamente em pensamento único, capaz de gerar consenso e promover uma agenda comum. Nesse mundo mediado pelos meios de comunicação, como escapar da tirania dos *me-dia*? É o que buscamos responder nessa edição que chega até você, trazendo ainda deliciosos textos e imagens de profissionais de várias áreas de atuação. Fizemos uma viagem incrível por Goreme, na Turquia, além de um giro de balão pela Capadócia; convidamos você para um passeio imperdível pela exposição *Gênesis*, de Sebastião Salgado; trazemos um depoimento emocionado de quem respeita e faz a diferença junto aos índios Xavante, no Mato Grosso; publicamos uma entrevista exclusiva com o também fotógrafo Olivier Anquier, além de disponibilizar muita informação exclusiva e de qualidade só para você, prezado leitor. A Kalango valoriza os artistas da cidade e promove o que há de melhor na arte e na cultura – sem receber nenhum centavo para levar informação que seja de interesse público. Fazemos um trabalho colaborativo e com muita honestidade e democratizar a informação é o nosso maior prazer. Boa leitura!





ENTREVISTA

# Papa Francisco fala com um não crente de homem para homem

Por **Leonardo Boff\***

**F**rancisco, bispo de Roma, se despojou de todos os títulos e símbolos de poder que não fazem outra coisa que distanciar as pessoas umas das outras. Publicou uma carta no principal jornal de Roma, “La Repubblica” respondendo ao ex-diretor e conhecido intelectual não crente Eugênio Scalfari. Este publicamente colocou algumas questões ao bispo de Roma, Francisco. Este realizou um ato de extraordinária importância. Não apenas porque o fez de uma forma sem precedentes mas principalmente porque se mostrou como um homem que fala a outro homem, num contexto de diálogo aberto, colocando-se no mesmo nível que seu interlocutor. Efetivamente Francisco que, como sabemos, prefere chamar-se bispo de Roma e não de Papa, respondeu a Eugênio Scalfari de um modo cordial, com a inteligência calorosa do coração antes que com a inteligência fria das doutrinas. Atualmente, na filosofia, se procura regatar a “inteligência sensível” que enriquece e alarga à “inteligência intelectual”, pois aquela fala diretamente ao outro, ao seu profundo. Não se esconde atrás de doutrinas, dogmas e instituições. Nesse sentido, para Francisco não é relevante o fato de Scalfari se confessar crente ou não, pois cada um possui a sua história

pessoal e seu percurso existencial que devem ser respeitados. O relevante mesmo é a capacidade de ambos estarem abertos à escuta mútua. Para dizer-lo na linguagem do grande poeta espanhol António Machado: “A tua verdade? Não. A Verdade. Venha comigo buscá-la. A tua, guarde-a para ti”. Mais importante que saber é nunca perder a capacidade de aprender. Este é o sentido do diálogo.

Com sua carta, Francisco mostrou que todos buscamos uma verdade mais plena e mais ampla, uma verdade que ainda não possuímos. Para encontrá-la não servem os dogmas tomados em si mesmos, nem as doutrinas abstratamente formuladas. O pressuposto geral é que existem ainda respostas a serem buscadas e que tudo é cercado de mistério. Esta busca coloca a todos sobre o mesmo chão, crentes e não crentes.

Também os fiéis das diversas Igrejas. Cada qual tem o direito de expressar a sua visão das coisas. Todos vivem uma contradição terrível que envolve crentes e ateus: por que Deus permite as grandes injustiças no mundo? É a questão que com profundo abatimento também o Papa Bento XVI colocou quando visitou o campo de extermínio nazista em Auschwitz. Despojou-se, por um momento, de seu papel de

Papa e falou somente como um homem com o coração aberto: “Deus, onde estavas quando aconteceram estas atrocidades? Por que te calaste?”

Todos nós cristãos devemos admitir que não há uma resposta e que a pergunta permanece ainda aberta. Consola-nos apenas a idéia de que Deus pode ser aquilo que nossa razão não compreende. A inteligência intelectual sozinha se cala porque não tem uma resposta para tudo. O Gênesis, como dizia o filósofo Ernst Bloch, não se encontra no começo mas no fim. As coisas, assim pensam os crentes, se desenrolam na direção de um desfecho feliz. Somente no fim, de alguma maneira, nos é dado compreender o sentido da existência. Unicamente no fim poderemos dizer: “e tudo é bom” e podemos exclamar um “Amém” definitivo. Mas enquanto vivemos nem tudo é bom.

Verdades absolutas e verdades relativas? Prefiro responder com o grande poeta, místico e pastor, o bispo Dom Pedro Casaldáliga, lá do fundo da Amazônia: “O absoluto? Só Deus e a fome”. Nutro grande confiança de que Francisco com seu diálogo poderá conseguir grandes coisas para o bem da humanidade. Começou fazendo importante reforma do Papado. Dentro de



pouco fará a reforma da Cúria romana. Através de vários discursos acenou que todos os temas podem ser discutidos, uma afirmação impensável tempos atrás. Temas como o celibato dos padres, o sacerdócio da mulher, a moral sexual e a existência dos homoafetivos. Até recente data, tais temas eram simplesmente proibidos de serem suscitados por teólogos e bispos.

Creio que este Papa seja o primeiro a não querer um governo monárquico e absolutista, o “poder” como dizia Scalfari. Ao contrário, quer estar o mais próximo possível ao Evangelho que apresenta os princípios da misericórdia e da compaixão, tendo como centro de referência a humanidade.

Seguramente seu diálogo com os não crentes pode verdadeiramente ampliar-se e abrir uma nova janela à modernidade ética que não considera apenas a tecnologia, a ciência e a política mas que pode também levar a superar um comportamento de exclusão, típico da Igreja Católica, em outras palavras, a arrogância de se entender a única herdeira verdadeira da mensagem de Jesus. Cabe sempre recordar que Deus enviou seu Filho ao mundo e não apenas aos batizados. Ele ilumina cada pessoa que vem a este mundo, como o recorda São João no prólogo de seu evangelho e não apenas os crentes.

Neste sentido, pessoalmente tenho sugerido em carta ao Papa Francisco um Concílio Ecumênico de toda a cristandade, de todas as Igrejas, incluindo até a presença de ateus que possam, por sua sabedoria e ética, ajudar a analisar as ameaças que pesam sobre o planeta e como enfrentá-las.

Em primeiro lugar as mulheres, geradoras de vida, pois a vida mesma está sendo ameaçada. O Cristianismo comparece como um fenômeno ocidental. Ele deve encontrar o seu lugar no interior da nova fase da humanidade, a fase planetária. Somente assim será para todos e de todos.

Em Francisco, como já o mostrou na Argentina, não vejo a vontade de conquistar e de fazer proselitismo, mas antes a disposição de testemunhar e andar, como o reafirmou a Scalfari, um pedaço do caminho junto com outros. O Cristianismo antes que instituição é um movimento, o movimento de Jesus e dos Apóstolos. Nesta compreensão, viver a dimensão da dignidade humana, da ética e dos direitos fundamentais é mais importante do que filiar-se simplesmente a uma Igreja. Este é o caso de Eugênio Scalfari. Importa olhar mais a dimensão de luz da história do que sua dimensão de sombras, viver como irmãos e irmãs, na mesma Casa Comum, a Mãe Terra, respeitando as opções de cada um, sob o grande arco-íris, símbolo da transcendência do ser humano. O longo inverno eclesial terminou. Esperamos uma primavera solar, cheia de flores e de frutos, na qual vale a pena ser humano também na forma cristã desta palavra.

**(Entrevista por telefone a Vera Schiavazzi em 15 de setembro, de Romano Canavese, Turim).**

**\* Leonardo Boff é teólogo, escritor e autor de *Saber cuidar. Ética do humano, compaixão pela Terra*, Editora Vozes.**

[www.leonardoboff.wordpress.com](http://www.leonardoboff.wordpress.com)

# Uma procissão

**Por Paulo Netho\***

De fato o menino fervia. Não de febre, mas de uma raiva explicável! Tudo o que ele queria era trabalhar em paz. Só isso. O menino era um observador de formigas. Observar formiga não é trabalho qualquer não, tal atividade requer muita concentração e horas e mais horas de imaginação. Sim, muita imaginação... Este é o segredo. As formigas são como as palavras repletas de entrelinhas, entreletras e de significados escondidos. Quando entrou em casa, o pai foi logo lhe dizendo:

- Você gosta de formiga, filho?
- Gosto de tudo que tenha vida!
- Hum... temos aqui um poeta, querida!
- Ou, um filósofo!
- Então... muitas formigas? - O que elas têm de especial?

O pai insistiu.

- Elas têm uma verdade escondida. O pai achou interessante aquilo e se calou.

Depois disso, o menino voltou os seus olhos para as formigas.

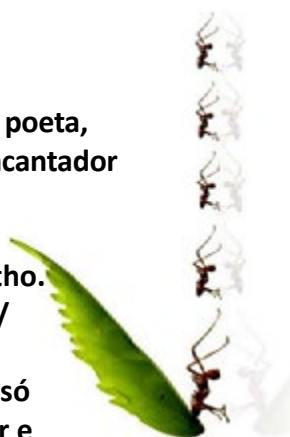
Uma procissão.

O menino, em seu trabalho, passava horas seguindo aquele tipo raro de silêncio: o silêncio em movimento.

**\* Paulo Netho é poeta, escritor e um encantador de pessoas.**

<http://paulonetho.wordpress.com/>

**Neste blog tem só palavras de voar e conversas de mergulhar.**



# Palavrões?



**Por Sonia Mara Ruiz Brown\***

Nunca apreciei palavrões, pois sempre me soaram deseducada e grosseiramente. Mesmo jovem, quando empregá-los era demonstração de rebeldia e contestação, mesmo assim não os adotei. É certo que, em situações tensas e irritantes, soltar um nome feio alivia, é catártico, todavia há ainda outros modos de alcançar o mesmo efeito.

Uma ocasião, dirigia meu carro na cidade, quando fui vítima de uma atitude nada polida. Um jovem senhor, numa demonstração, creio, de sua virilidade e destreza, cortou-me pela direita. Eu, assustada e indignada, gritei o que me veio à cabeça: – Seu, seu cara de geladeira!!! Ele, que esperava um enorme palavrão, ficou desarmado e começou a rir. No carro, minha filha e eu, mais calmas, também rimos da expressão inusitada, resultante da minha fúria.

Atualmente, ouço palavrões que machucam meus ouvidos em todo lugar. Pelas ruas, nos corredores da faculdade, em supermercados, sala de espera em consultórios e penso que quem os diz não o faz mais por agressividade, como ocorria nos anos 70 e 80 do século passado. Usam-nos indiferentemente, para o bem e para o mal, contra ou a favor, exaltando ou denegrindo, porque não têm outro vocabulário, porque seu falar é pobre e o palavrão encurta sentidos, serve a tudo. Vejamos: “Fui a uma p... festa.”, “Que p... aula esse professor deu!”, “Entre numa p... encrenca.”, “Foi um p... demonstração de força.” O mesmo adjetivo serviu para maravilhosa, esplêndida, terrível, incontestável. O único sentido evidente em todas as orações é o da intensidade, pois seja para enaltecer ou para macular, sabemos que o é com veemência.

É sabido que as palavras são o retrato do nosso pensamento. Palavrões não constroem, com certeza, um belo retrato.

**\* Sonia Mara Ruiz Brown é doutora em Língua Portuguesa/USP .**



# Suportar a vida... Cada um com sua mania!

**Por Orivaldo Leme Biagi\***

Cada pessoa tem sua forma de lidar com as várias situações de vida. Algumas agem de maneira mais nervosa, outras de maneira mais calma – e o mesmo acontece com o que fazemos para “suportar” a vida, digamos.

Graças a uma cultura de massa que procura impor uma lógica “positiva” (e, portanto, política e comercialmente mais comportada), temos uma “necessidade” de pensarmos em coisas alegres

e socialmente “bonitas”. Mas tal condição não pode ser estipulada como uma regra.

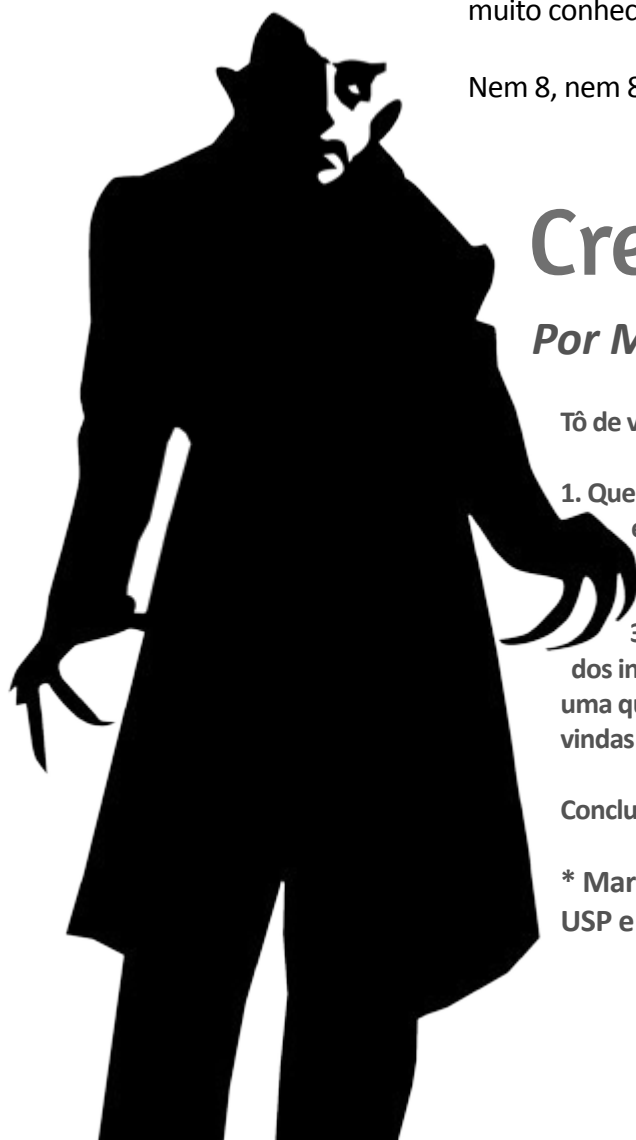
Cada pessoa sente a vida de acordo com lógicas muito próprias e busca discursos que atendam a tais lógicas. Muito da busca religiosa parte deste princípio – e a dedicação à fé pode levar a pessoa a uma paz espiritual ou a uma enganação vergonhosa de certas seitas. Outros acabam sucumbindo ao apelo das drogas com resultados (negativos) já muito conhecidos.

Nem 8, nem 800 – precisamos de

um tempo para nós mesmos e, neste tempo, devemos fazer coisas que nos agradam. Da prática da jardinagem a assistir filmes de terror – temos de nos dar esse tempo. O ritmo atual exige que façamos mil coisas ao mesmo tempo, inclusive quando não precisamos fazer tanta coisa. O “desligamento” é necessário – e o prazer não pode ser pensado necessariamente em termos utilitaristas.

Nossas manias são nossas – e devem ser respeitadas.

**\* Orivaldo Leme Biagi é pós-doutor pela Universidade de SP**



## Crepúsculo

**Por Mario Sérgio de Moraes\***

Tô de volta e fiquei sabendo:

1. Que o Chiquinho Scarpa promoveu (ou promoveu-se?) o enterro do seu carro de luxo.
2. Que a Camara dos Vereadores de Mogi enterrou (ou enterrou-se?) o projeto da Tribuna Livre.
3. Que a Polícia do Rio de Janeiro invadiu a moradia dos integrantes do Midia Ninja acusando-os de serem uma quadrilha. As autoridades desejam enterrar as notícias vindas deste grupo.

Conclusão: ser ou não ser um vampiro?

**\* Mario Sérgio de Moraes é Doutor em História pela USP e Conselheiro do Instituto Vladimir Herzog**

# Fantasma reais e imaginários

*Por Marcelo Rio\**

**E**m junho deste ano, houve um preocupante crescimento no número de pessoas, especialmente jovens, que passaram a demonstrar simpatia pela ideia de um golpe de estado visando que a “ordem” seja restaurada em nosso país e os comunistas expulsos ou presos. Não, não voltamos cinquenta anos no tempo, estamos em 2013 e tem muita gente flertando com esses absurdos.

Assim como muitos regimes totalitários do passado ainda conseguem encantar desocupados e desajustados, a ditadura militar sempre teve a simpatia de alguns lunáticos, inofensivos em sua maioria, mas que ao se depararem com um quase inédito descontentamento da massa com os rumos da política no Brasil, decidiram soltar todas as suas bizarrices ideológicas.

A internet é o meio mais eficiente para que defensores de um golpe de Estado e/ou anticomunistas possam divulgar suas ideias. Antes ignorados, alguns agora têm muitos seguidores. As teorias da conspiração são tão absurdas que nem um personagem de Chico Anysio conseguiria ser tão engraçado e surreal. Algumas pérolas facilmente encontradas na rede: “Os médicos cubanos são guerrilheiros que logo pegarão em armas e darão um golpe comunista no Brasil”, “Roberto Marinho nunca foi a favor dos militares, ao contrário, ele era um comunista” e “Fidel e Chavez é que mandam aqui, a Dilma e o Lula são bonecos, temos que expulsá-los” (essa é a minha preferida).

O ódio que alguns jovens repentinamente vêm demonstrando pelos “comunistas” é tão grande que a única justificativa plausível é a de que todos flagraram o grande amor de suas vidas aos beijos com alguém que usava uma camisa do Che Guevara e uma boina, aí sim, estaria explicado o rancor, pois acreditar que o Brasil está na iminência de se tornar uma ditadura comunista com direito a gulags, paredão e tudo mais, é o mesmo que apostar que do núcleo da Terra surgirá uma colônia de formigas gigantes que dominarão os humanos.

Essas pérolas seriam dignas apenas de risos ou pena se ficassem restritas a essas pessoas, mas o problema maior é que forças muito mais poderosas podem se intitular como defensoras dessas vozes que querem “ordem”, o que na verdade, não passa da seguinte jogada: tirar o PT do poder à força, já que nas urnas está difícil. É praticamente impossível acreditar em um golpe militar, mas não na criação de um caos de proporções maiores que as de junho para justificar uma intervenção no governo e mudanças no sistema eleitoral, dando a um ou mais oportunistas de plantão super poderes para que “moralizem” a política e acabem com o “perigo comunista”. Postulantes a esse papel não faltam, um até já questionou por que alguém precisa fazer parte de um partido político para se candidatar, ou seja, questiona as regras da democracia e ainda que discretamente adota o discurso das ruas de que “Partidos não nos representam”.



Alguns setores da mídia, adorariam ajudar na construção dessa figura que surgiria em meio ao caos e traria a ordem. Aliás, alguns veículos até já tentam isso há anos, sem sucesso, é verdade, mas uma hora eles podem conseguir, basta lembrar do Caçador de Marajás.

Quanto aos lunáticos que se multiplicam em vlogs e páginas nas redes sociais, esses serviriam muito bem como linha de frente, pois, com a figura concretizada de um salvador passariam a trabalhar ainda mais intensamente na campanha de desestabilização da

**Estamos diante de dois fantasmas: os imaginários, criados pelas mentes fertilizadas com esterco contaminado e os fantasmas reais que estão excitadíssimos com a possibilidade de atentarem contra o jogo democrático**

Democracia e certamente contariam com o apoio de uma massa alienada que não consegue discernir informação séria de manipulação grotesca da verdade.

Estamos diante de dois fantasmas: os imaginários, criados pelas mentes fertilizadas com esterco contaminado que acreditam em “perigo comunista” e que só com uma ditadura as coisas melhorarão; e os fantasmas reais que estão excitadíssimos com a possibilidade de atentarem contra o jogo democrático. É preciso ficar atento aos passos desses espertalhões e, sempre que possível, estabelecer o diálogo com os mais suscetíveis a manipulações, fazendo-os ver tudo de ruim que um golpe de estado seja de direita, esquerda ou de “apartidários” traz.

Que o poder para governar o Brasil continue sendo decidido nas urnas e que os fantasmas reais e imaginários sejam exorcizados.

**\* Marcelo Rio é jornalista e professor universitário**



# Novos medos na Internet

*Por William Araújo\**

**A**s recentes espionagens feitas pela Agência Nacional de Segurança (NSA), além de evidenciarem a não proteção da privacidade dos estrangeiros, trouxe à tona o medo em relação ao uso desta ferramenta.

Castells, em entrevista ao El País, acentua que a condição relacionada ao medo provém da mídia tradicional, que sustenta a idéia de falar por todos, daí a idéia de controle. Para este pesquisador, a Internet é livre e inquestionavelmente mantém as pessoas em contato.

<http://goo.gl/VHahKO>

Esse raciocínio lógico seria suficiente para afastar o medo da Internet, algo que parece ser cultivado mais pelas corporações do que pelos indivíduos. O que Castells diz baseia-se em trabalhos realizados junto a assessorias de governos e instituições internacionais, e estes sempre perguntavam como poderiam controlar a Internet. A resposta sempre foi clara: “pode-se vigiar, mas não controlar”

A tese deste pesquisador parece estar a cada dia mais evidente, porque da mesma forma que a Internet amplia a incerteza, a mesma também reforça a autonomia das pessoas. Sendo assim, os espaços tecnológicos criados pela instância política, sem um sistema de participação, favorecem o uso para as redes criadas pelos cidadãos. E esta premissa se acentua, na medida em que “quanto mais uma pessoa controla sua vida, menos se fia nas instituições”. Na contramão desta hipótese do medo estaria a [fiscalização política](#), algo que ainda está por conta da mídia tradicional. <http://goo.gl/3SMD3Y>

Curiosamente, o histórico de concessões, ao menos no Brasil, sempre foi baseado em um modelo equivocado. Emir Sader destaca isso em seu artigo “[Quem tem medo da internet](#)”, acentuando que estes “têm medo da democracia, têm medo da cidadania, têm medo do povo. Têm medo de ser derrotado de novo nas urnas”. Ele denuncia a própria mídia tradicional, pois de um modo geral todas as famílias (Mesquita, Marinho e Civitas) beneficiadas na construção de seus impérios midiáticos, “situação que

está vedada aos resto dos brasileiros”.

<http://goo.gl/L11NMm>

Um exemplo mais objetivo é oferecido por [Pedro Rafael, no Brasil de Fato](#), ao comentar os casos em que a Globo acabou sendo envolvida diretamente passando a perseguir a blogosfera.

<http://www.brasildefato.com.br/node/11724>

## Engenheiros da guarda

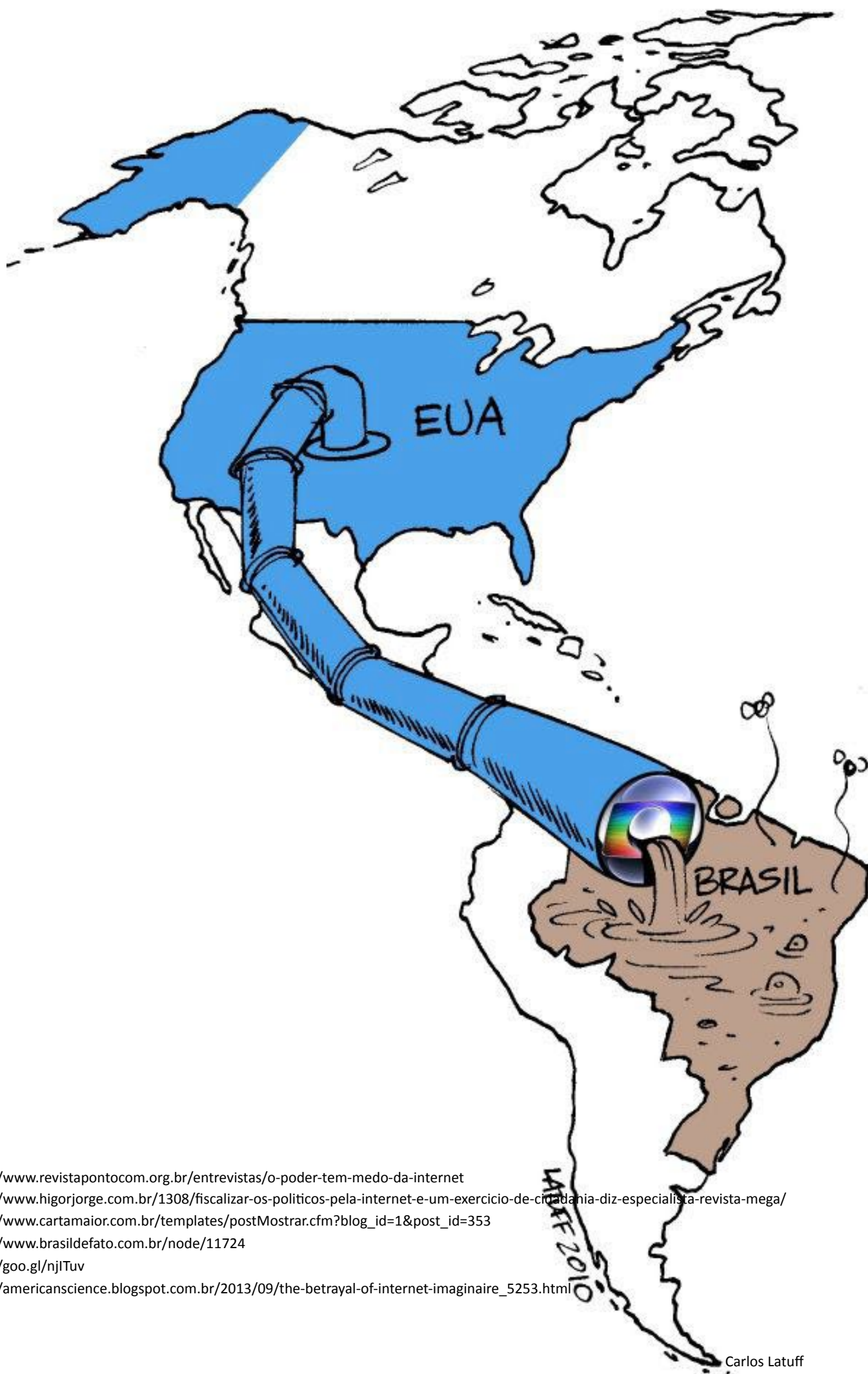
O evento relacionado à espionagem também promoveu recentemente uma outra discussão: evitar que novos ataques ocorram! De acordo com Bruce Schneider, não se pode mais confiar nas empresas que hospedam dados!

Este chamado aos especialistas em codificação visa descobrir como as agências estão subvertendo roteadores, switches, tecnologias e criptografia e os sistemas de nuvem. Para isso sugere novas técnicas, como sistemas abertos. <http://goo.gl/njITuv>

Lee, seu colega do blog [American Science](#), prefere lembrar que a dificuldade em mexer nos protocolos reside no patrocínio desta proposta, na medida que foi o próprio Departamento de Defesa que subsidiou na década de 80 para a popularização da internet, entendendo que mesmo agora a IETF não conseguiria oferecer uma solução tecnológica sozinha, haja vista o fracasso de se implantar plenamente o IPv6, em parte pela falta de um patrocinador poderoso. <http://goo.gl/GkQHQ9>

Para Lee, “...os gigantes da indústria da Internet de hoje (Cisco, Huawei, Google, Comcast, et al), se confiável em tudo, só iriam apoiar novos padrões que se encaixassem em seus planos de negócios existentes”. Independentemente disso, a crise está instalada. No início de novembro o IETF fará reunião em Vancouver, e Schneider entende que este encontro “deveria dedicar sua... reunião, para esta tarefa”.

**\* William Araújo é jornalista e doutor em Comunicação pela UMESP.**



<http://www.revistapontocom.org.br/entrevistas/o-poder-tem-medo-da-internet>

<http://www.higorjorge.com.br/1308/fiscalizar-os-politicos-pela-internet-e-um-exercicio-de-cidadania-diz-especialista-revista-mega/>

[http://www.cartamaior.com.br/templates/postMostrar.cfm?blog\\_id=1&post\\_id=353](http://www.cartamaior.com.br/templates/postMostrar.cfm?blog_id=1&post_id=353)

<http://www.brasildefato.com.br/node/11724>

<http://goo.gl/njITuv>

[http://americanscience.blogspot.com.br/2013/09/the-betrayal-of-internet-imaginaire\\_5253.html](http://americanscience.blogspot.com.br/2013/09/the-betrayal-of-internet-imaginaire_5253.html)

Carlos Latuff



# Boataria na rede:

## o “bolsa prostituta”, o jornalista e a senadora

*Por Helton Costa\* e Rafael Kondlatsch\*\**

Em maio de 2013, uma informação no mínimo inusitada, ganhou corpo e começou a circular na Internet via redes sociais. O conteúdo dizia que o Governo Federal começaria a pagar uma bolsa de R\$ 2 mil para profissionais do sexo. O objetivo, segundo o texto, seria possibilitar às mulheres “uma vida mais digna”, além de servir para a “prevenção de doenças”. O projeto de lei foi atribuído à senadora Ana Rita, do Partido dos Trabalhadores, e logo ganhou o nome de “Bolsa Prostituta”. Mais tarde, na tentativa de evitar problemas legais, o autor mudou o nome de Ana para Maria e deixou o post no ar.

A partir da primeira publicação a matéria teve repercussão e se espalhou exponencialmente a ponto de o Governo Federal ter de fazer uma nota desmentindo o fato e prometendo uma investigação pela Polícia Federal para achar o culpado pela informação, então apontada como falsa. A primeira versão da notícia foi veiculada no dia 10 de maio de 2013, no blog de “Joselito Müller”, pseudônimo de uma pessoa que apenas se identifica como sendo um “jornalismo destemido”. Apesar de

ser dada como falsa, até então o boato ainda está no ar no site do pseudojornalista, mesmo o autor assumindo sua inverdade e admitindo que foi “leviano” ao espalhar tal informação.

Chamam a atenção artifícios usados pelo blogueiro para atribuir veracidade ao fato, atribuindo declarações inexistentes à senadora e sustentando que o referido projeto seria sancionado pela presidente Dilma para que entrasse em vigor até o início da Copa de 2014. A aparência de verdade atribuída à notícia foi tal que não só os internautas comuns compartilharam o fato, mas veículos de comunicação maiores, que se propunham ao jornalismo, chegaram a repercutir o falso post. Essa confusão levou a própria senadora a dar esclarecimentos públicos através da Agência Senado em 16 de maio de 2013.

**Uma análise** - O que se percebe do caso “Joselito” é que na atual cibersociedade, cada vez mais conectada pelas redes sociais e sites pessoais como blogs, a checagem da informação para saber se é verdadeira ou falsa parece cada vez menos urgente ao passo que o imediato, o que os jornalistas chamariam em



um passado recente de “furo”, é que importa. Nessa busca, quem repassa algo que provoca resposta imediata de outros usuários é brindado com troféus simbólicos, que são os comentários, “curtidas”, “retuítes” e compartilhamentos.

Cientes disso, grupos políticos ou ideológicos possuem em mãos ferramentas para criar mecanismos de propagação de suas ideias, por meios nos quais possam lançar na rede falácias disfarçadas de informações jornalísticas que, se não checadas apropriadamente, acabam aceitas e se perpetuam, mesmo depois de desmentidas. E isso se dá não só através do compartilhamento da informação, que corresponde ao ato de passar para frente o que lhe foi dito, mas também por meio do que Reule (2008, p. 92) chama de dispositivos fortalecedores, que seriam os recursos utilizados pelo participante de uma comunidade para reforçar ou dar continuidade para um boato, mesmo que não seja essa sua intenção.

Dessa forma, não há um ente ou órgão regulador que possa exigir que o usuário comum faça uso ético da Internet, com procedimentos de checagem e questionamento sobre autenticidade das informações. Também não há um mecanismo ideal que garanta a não existência do boato. Se tal papel fosse atribuído ao Estado, que receberia a incumbência de controlar a difusão de falsas informações, poderíamos, ao mesmo tempo, recair em um controle

dos assuntos veiculados na rede. E controle de conteúdo pode facilmente se transformar em censura, algo que a Internet justamente combate.

Logo, os problemas decorrentes do universo online tendem a uma solução na esfera offline, muitos em âmbito judicial, amparados pela Constituição e pelo Código Penal Brasileiro, extinguindo neste ponto, a separação entre o mundo virtual e não virtual.

Em uma visão pessimista sobre a questão, não seria exagero imaginar que outros falsos boatos poderão ocorrer, talvez até mais frequentes na Rede, visto que a tendência é o aumento do número de brasileiros com acesso aos serviços de Internet. Esse acréscimo de usuários representa maior audiência e também elevação no potencial emissor e refletor de informação, seja ela verdadeira ou não.

Já em uma visão otimista, a rede se autorregularia e criaria seus próprios mecanismos para refutação de boatos, ficando a critério do usuário a decisão sobre o conteúdo. Porém, no caso do Brasil, o que tem se visto é que esses boatos têm afetado a própria pauta dos jornais tradicionais nos mais diversos meios, que acabam por cobrir os desdobramentos que os mesmos têm junto à sociedade, utilizando-os como motivadores de audiência. Definitivamente somente o tempo mostrará qual dos dois modelos prevalecerá no Brasil.

**\* Helton Costa é Professor nos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda na Universidade Estadual do Centro-Oeste e doutorando em Comunicação e Linguagens na universidade Tuiuti do Paraná. \*\*Rafael Kondlatsch é Jornalista e mestre em comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – Unesp.**



# Um dia no asilo

*Por Delta9\**

Era uma vez um asilo...  
Não era um asilo grande. Também não era pequeno.  
Era apenas um asilo. Muitas vezes, um asilo a duras penas.

Naquele dia fomos ao asilo, eu e minha filha, conhecer as pessoas. Eu observava minha filha observando as pessoas.

Ela é muito observadora, sorridente, discreta e interessada. E assim, observando, percebi que num asilo as pessoas se sentem isoladas.

As pessoas mais isoladas são as que não vão aos asilos: sentam-se sozinhas em suas casas, em seus sofás, soltando chiados, pedindo silêncio para assistir a TV.

Minha filha via tudo. Perguntava muito. Algumas perguntas eu até conseguia responder. Outras, não. Na verdade, a maioria.

Atenta em sua tarefa de engolir o mundo com os olhos, nem percebia que era observada.

Existem muitos velhos num asilo de velhos. Uns mais velhos que os outros. Alguns são velhos por fora, outros o são por dentro.

Será que os visitantes se isolam nos asilos porque encaram o velho que está dentro deles? Ou têm que tropeçar naquela velha dobra



de pensamento escondido num canto qualquer de um antigo sentimento terno?

Terno...

Não é um bom traje para usar ao ir a um asilo. O bom é ter nos pés calçados confortáveis; ter nos olhos um brilho entusiasmado; ter no semblante uma alegria contagiante!...

Que a gente possa se contagiar num asilo. A gente pode contagiar os outros!

Existem pessoas novas no asilo. Umas mais novas que as outras.

Existem pessoas ricas no asilo. Existem, também, pessoas pobres; algumas tão pobres que a única coisa que têm é dinheiro.

Existem pessoas fortes no asilo e lá encontramos pessoas fracas, frágeis.

A gente se isola no asilo. Lá, cada semblante é uma semente!

Lá tem uma velho de chapéu branco.  
Suas calças são brancas.  
Sua camisa é branca.  
Sua barba é branca.  
Suas botinas são brancas!  
Suas unhas são sujas...  
Seu olhar é distante.  
E ele se encanta contando contos!  
Dizem que o velho é louco.

Existem muitos loucos no asilo.

As pessoas sadias os recebem com alegria, mesmo que eles só apareçam nas visitas.

O asilo isola a gente.  
E a gente, assim, se anula.  
É só.  
É pó.  
É chã...

Vem um velhinho e diz:  
– Quer mais chá?  
Então, minha filha me contorce com o óbvio:  
– Pai, eles têm filhos?...

... E lá, isolado, no asilo, olho os olhos de minha filha a me dizerem que lá no asilo, cada semblante é uma semente que fica, assim, plantada dentro da gente.

Dia 27/9 foi Dia do Idoso.  
Dia 12/10 será Dia da Criança.  
E nesse intervalo, cá estamos nós...  
Dez anos do Estatuto do Idoso...  
Salvem os velhinhos!!

**\* Delta9 é extraterrestre, publicitário e atua no Judiciário.**  
[www.undiverso.blogspot.com/](http://www.undiverso.blogspot.com/)



## **Conselho de dono**

*Por Renata Roquetti*

Minha mudança de rota  
Medida nas horas de não.  
Aqueles em que o controle remoto  
Bate aqui dentro do peito  
E pede uma nova canção,  
daquelas em que o tempo se escorre  
pra longe do previsível.

Que tenho eu dessa vida?  
Se não a vontade inexorável do novo?

E há gente que vive por ai, programada  
A pilha, uma hora acaba.  
Teu controle remoto se cansa  
Te abandona no sofá, dormindo  
Sai pra andar com outro par  
E o que resta é o chiado  
Do preto e branco da tela sem cor.

Troco a estação com as mãos  
Sou o dono da rota.  
Olho pros lados, ao atravessar as ruas, e sei quem me cruza,  
com a segurança da trilha sonora nos ouvidos, escolhida pelo  
dono da rádio.

Invariavelmente, a solidão guia teus rumos. Decidir é solitário,  
mas a estrada até lá tem sons e cores dos outros, escolhidas  
por ti

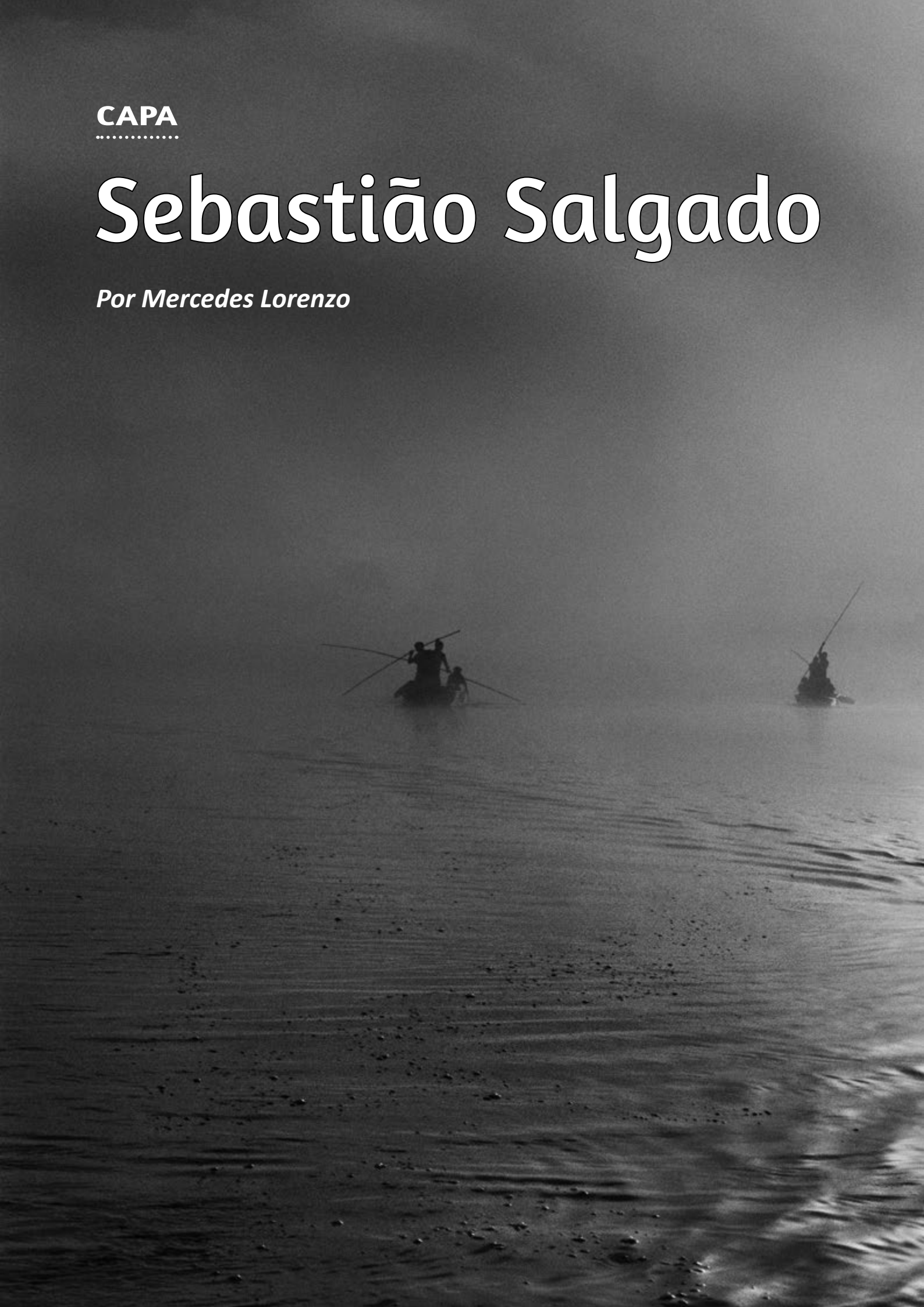


Renata Roquetti ganhou seu primeiro recital aos 13 anos declamando a poesia "Eu" de Florabela Espanca. Em 2008 criou um blog para compartilhar o emaranhado de palavras que pipocam do seu coração e mergulhar ainda mais em poesia.

CAPA  
.....

# Sebastião Salgado

*Por Mercedes Lorenzo*









Quando você admira alguém pelo seu trabalho, pela sua produção artístico-cultural, no caso fotográfica... quando esse alguém consegue lhe inspirar na sua própria caminhada, num sentido de excelência e de humanidade, já é algo raro. Combinar isso com um caráter congruente, uma personalidade marcante e ao mesmo tempo de fala simples, com o sotaque das matas (replantadas por ele) do interior do Brasil... aí é uma overdose de admiração.

É justamente essa combinação rara que me traz aqui para falar um pouquinho de Sebastião Salgado, esse ser humano cuja dignidade tem lavado a alma de muitos de nós, em tempos bichudos onde a ética virou luxo.

Sua biografia e obra já são bastante conhecidas e facilmente encontradas nos domínios da internet. Listo abaixo alguns links onde vocês podem ouvi-lo contando suas narrativas inesgotáveis, permeadas de dor e alegria, sem “edição”, como a vida é.

Para começar, sua palestra no TED, onde desmistifica a decantada “frieza” dos fotógrafos, mostrando como seu trabalho em Êxodus durante anos acabou ferindo seu ser, a ponto de manifestar-se em doença do corpo; e uma exortação final à tomada de consciência ambiental, seguindo seu exemplo e o de Lélia (sua companheira), para reconstruirmos os ecossistemas:

[http://www.ted.com/talks/sebastiao\\_salgado\\_the\\_silent\\_drama\\_of\\_photography.html](http://www.ted.com/talks/sebastiao_salgado_the_silent_drama_of_photography.html)



<http://goo.gl/MiTvsf>

Depois, no programa Roda Viva da TV Cultura, salpicado de curiosidades sobre o mais recente trabalho, o Projeto Gênesis, que demandou nada menos que oito anos de viagens aos lugares mais remotos do planeta:

<http://goo.gl/P9KAmd>

Em seguida uma entrevista de Salgado e Lélia para a jornalista Miriam Leitão, onde contam das dificuldades e vitórias do seu mais ambicioso projeto: o plantio de 1,7 milhão de mudas nativas da mata atlântica e a reconstrução da natureza devastada em Aimorés, interior de Minas Gerais, com seu incrível Instituto Terra:

<http://youtu.be/8C5q26ISOsU>

E por último, o documentário “Sebastião Salgado – cidadão do mundo”, feito ainda na época do projeto Êxodus, onde ele também conta alguns episódios do início da carreira de fotógrafo e o abandono da profissão anterior, de economista:

<http://tal.tv/video/sebastiao-salgado-cidadao-do-mundo>

Mais dois documentários sobre Salgado estão sendo aguardados para estreia ainda este ano, um realizado por seu filho Juliano, que já está sendo exibido em Berlim: “Revelando Sebastião Salgado”. E outro cujo diretor é nada menos do que Wim Wenders.

A exposição Gênesis segue sendo exibida com entrada gratuita no **SESC Belenzinho**, em São Paulo, até dia 1 de dezembro... e é um capítulo à parte nesta pequena tentativa de resumo que faço aqui. Como resumir o gigantesco, o épico, o que transcende?

Passear entre as imagens imensas no pátio do SESC é deparar-se com um mundo que, torcemos, continue de difícil acesso à destruição. Ao mesmo tempo Sebastião nos projeta, com suas imagens, a uma relação intimista e cúmplice com cadeias montanhosas, neves eternas, desertos sinuosos, animais exóticos e tribos ancestrais.

Gênesis, num primeiro momento grandiosamente intimidante, extremamente bem realizado, transbordando de excelência nas formas e apuro técnico... vai, em cada detalhe minúsculo e em cada curva nos corredores do SESC, nos conduzindo mineiramente pelas mãos a uma comunhão tão fraterna com tudo isso, com todo esse nosso “mundão véio” - como se diria lá em Aimorés - que fica realmente difícil não se comover, ou pensar que somos algo separado da natureza.

Estamos, como civilização, doentes. Gênesis nos mostra o quanto de saúde ainda temos. E descobrimos, afinal, que a saúde é bela. Belíssima.







Foto: Mercedes Lorenzo







Foto: Mercedes Lorenzo





# O índio nosso

*Por Mauricio Andrade*





de cada dia





Faz vinte e dois anos, desde a Eco 92, quando as nações se uniram para discutir a diversidade, cultura, a vida e a esperança para um mundo melhor. Foi ali que inúmeras etnias indígenas se reuniram e aconteceu meu primeiro contato com os índios Xavantes – início de minha jornada entre eles e as culturas ameríndias ao longo de grande parte de minha vida.

Não é fácil falar do índio hoje. Existe um entendimento “viral”, um pseudo-entendimento cinematográfico, uma sombra de entendimento na educação e praticamente entendimento algum por parte da população, que só conhece o índio pela televisão, raramente lê em algum livro, apenas o vê invadindo o Congresso, ou sendo queimado em pontos de ônibus. Recentemente, resistindo bravamente contra o ex-



termínio e lutando para que não construam mais hidroelétricas, como no caso de Belo Monte, ou defendendo suas terras, como os Guarani-Kaiowá. Parece que esses brasileiros, legítimos, são historicamente a única oposição que gri-

ta e exige o que lhe é de direito: a vida, ao invés de uma vaga política, dinheiro de corrupção ou privilégios. Eles só querem viver com dignidade.

Mas quem conhece o índio? No Dia do Índio as crianças se fantasiavam com penachos de papel crepom. Em alguns lugares da cidade, como nos arredores da Praça da Sé, em São Paulo, algumas índias continuam a vender artesanatos. E nós, civilizados, ainda usamos o termo “programa de índio” para um compromisso chato. Quem nos dera realmente tudo fosse programa de índio. Ao longo dos últimos treze anos de trabalho com os índios Xavante no Mato Grosso, nossa luta tem sido apenas uma: abrir um espaço para que consigam sobreviver. São aproximadamente setenta aldeias espalhadas em





quatro reservas, totalizando cerca de 15.400 índios na região compreendida pela Serra do Roncador e pelos vales dos rios das Mortes, Kuluene, Couto de Magalhães, Batovi e Garças, no leste mato-grossense. Afora as Terras Indígenas Chão Preto e Ubawawe, que são contíguas, a Terra Indígena Parabubure e às demais terras Xavante - Marechal Rondon, Maraiwatsede, São Marcos, Pimentel Barbosa, Areões e Sangradouro/Volta Grande.

Mas, por um momento, quero vos falar da beleza. Nós que temos uma cultura de quinhentos anos, mal conseguimos nos comunicar e sobreviver às mudanças sociais e familiares. Temos uma tecnologia avançada à nossa disposição, porém mal nos entendemos. O índio faz parte de uma sociedade complexa que sobrevive há milhares de

anos através da tradição oral, dos costumes incrustados em sua cultura e que, apesar de serem submetidos continuamente a uma desaculturação, continuam resistindo fielmente e insistindo na mobilização de contingente para vencer o sinal dos tempos.

Entre eles os mitos profundos que me encantam falam sobre os xavantes que moram nas estrelas e no fundo da terra; do mito dos índios morcego, que viveriam nas cavernas protegendo uma cidade sagrada, que mesmo o famoso Coronel Percy Fawcett, precursor de Indiana Jones, acreditava e morreu (ou não) por isso. Falam das luzes que aparecem sobre suas aldeias em noites de oração. Eu mesmo testemunhei um depoimento emocionado e coerente de um de seus chefes, além de muitos outros em

épocas diferentes. Eles cantam, celebram, dançam, amam e gritam para serem ouvidos. Apaixonei-me pelos índios xavantes não exatamente por causa da sua história passada, mas pelo seu sofrimento presente e pela pureza que existe nos olhos das crianças, das mulheres e dos anciãos.

Hoje, com a cultura do arroz introduzida há pelo menos duas décadas, a escassez de caça e a ausência de proteínas em sua alimentação, grande parte deles fazem compras para se alimentar e, ao longo desse período, desenvolveram casos gravíssimos de diabetes em nível crescente de desnutrição, além de doenças que não conseguem combater como a tuberculose, gripe e DST. Recentemente, um estudo científico demonstrou uma mudança fenotípica do gru-





po xavante, que resulta de alteração do meio ambiente, mudança na estrutura social nas práticas culturais por meio de mudança geográfica, isolamento dos elementos de subsistência contínua e comportamento. O estudo completo pode ser encontrado aqui: [www.pnas.org/cgi/doi/10.1073/pnas.1118967109](http://www.pnas.org/cgi/doi/10.1073/pnas.1118967109).

O índio brasileiro ainda é tutelado pela União e fonte de voto para políticos em período eleitoral, além de se submeterem, em grande parte, a funcionários corruptos nos órgãos públicos e serem mal atendidos por profissionais de saúde nos órgãos responsáveis. Entre outras histórias, presenciei missionários trocando artesanatos por meio pacote de macarrão e os vendendo a preço de ouro.

O índio, guardião de uma sabedoria ancestral ímpar, é dotado de uma capacidade inigualável de compreender os ritmos da natureza. Precisamos aprender com os anciãos que ainda resistem, compreender o segredo espiritual da linguagem que preserva um dos maiores tesouros que é a relação viva com o universo. Ainda há tempo. Se lugar de índio é no mato – como muitos dizem – deveríamos devolver o mato a eles, o mesmo mato que hoje devastamos.



Há uma séria missão a ser cumprida por nós, brasileiros. A primeira parte dela é conhecê-los, ao invés de priorizarmos o investimento em uma cultura estrangeira e uma viagem de lazer.

Nosso trabalho precisa de ajuda. Com o apoio dos meios de comunicação e da tecnologia hoje disponíveis queremos sua solidariedade. Ainda dá tempo.

# KALANGO



## UM NOVO CONCEITO DE REVISTA





# ADOPT, DON'T BUY

BUYING ANIMALS IS KILLING ANIMALS.

SAVE A HOMELESS DOG OR CAT—ALWAYS ADOPT AND NEVER BUY.

WHITECHARL

FOR

peta2

FREE FOR ALL

Text INFO to 73822 for more information on helping animals

Message and data rates may apply. No more than 10 messages per month.

To unsubscribe, text STOP. For help, text HELP. Full terms are at [bit.ly/petadopt](http://bit.ly/petadopt)



## ENTREVISTA

.....

# Batata frita, mostarda



# e fotografia

*Por Rubens Paschoal*

São Paulo, 5 de setembro. Tarde fria típica de fim inverno com termômetros entre 16 e 18 graus.

Na zona sul somos recebidos no bistrô

L'Entrecôte d'Olivier por Olivier Anquier.

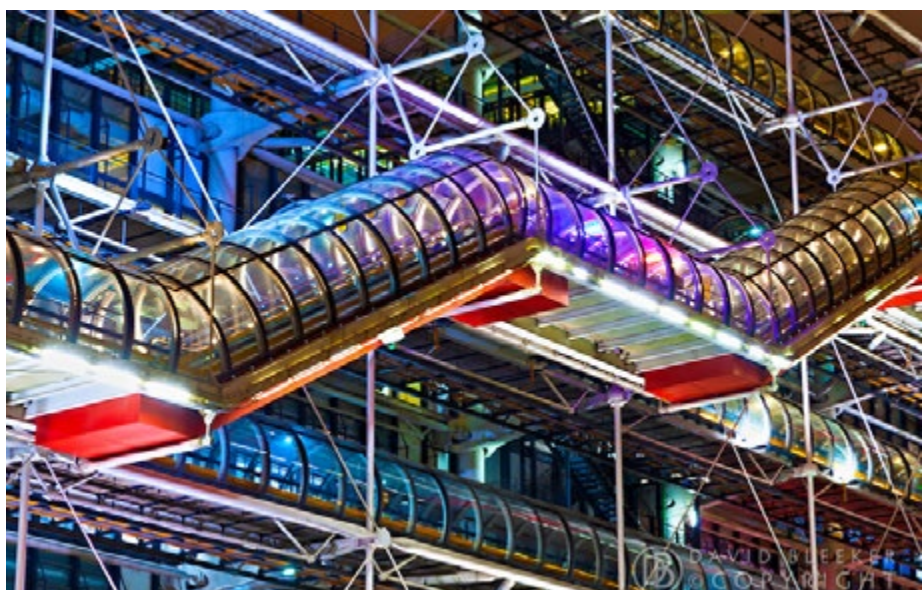
Tal qual na TV, trata-se de um ser humano formidável, simples, atencioso e amante da fotografia.

**T**al qual na TV, trata-se de um ser humano formidável, simples, atencioso e amante da fotografia. Do alto de seus 52 anos e com uma vitalidade invejável, protagoniza no canal GNT, todas as quintas-feiras, “Diário de Olivier”, programa que, com muita descontração, desvenda e mostra segredos, sabores e temperos incomuns da culinária mundial.

Com carisma e paciência Olivier inicia o bate papo regado a batata frita, mostarda e histórias sobre sua paixão adolescente desconhecida do público, a fotografia. Contou que aos 15 anos começou a se interessar por fotos, quando via muitos os registros de guerra feitos pelo pai. “Ele inclusive fotografou a guerra da Argélia”. Lembra-se que, aos 18 anos, morava sozinho num pequeno apartamento no centro de Paris e utilizava o banheiro como laboratório para revelações em preto e branco.

Nessa época começou a trabalhar como fotojornalista freelance para o periódico L’Express. “Fotografei e publiquei fotos do naufrágio do navio Amoco Cadiz, ocorrido na costa francesa em 16 de março de 1978. A fotografia passava a ser mais constante em minha vida... Procurava pensar querendo obter determinados resultados através da luz.”

Questionado sobre o que mais gosta de fotografar, Olivier foi enfático: “Eu gosto de fotografar os momentos da vida, cenas do cotidiano em qualquer lugar do mundo. A fotografia me ensinou muitas coisas e acendeu em



mim a chama da curiosidade”. Citou mestres como Eugène Atget e Henri Cartier Bresson. “Tudo isso pela influência da educação e da cultura do país onde nasci. Assim, tento colocar nas fotos muito do que vi”, diz.

Em 2003 fez uma **exposição pública com fotos da peça de teatro Tio Vânia** – todas as fotos foram trabalhadas e escolhidas por ele. “Não deixo que escolham as fotos por mim, cada um ‘olha’ a foto de acordo com sua bagagem cultural. Foram quatro meses de trabalho divididos entre a leitura dos textos na minha casa, ensaios, montagem da cenografia e no palco. A ideia era simples: registrar a história de um espetáculo desde a primeira leitura até sua estreia. Um trabalho documental, um prazeroso desafio

para mim”. Infelizmente – para os amantes da fotografia – o artista revelou não ter nenhum projeto guardado, pois para ele “a fotografia é um instante de um momento que vivo”.

Na culinária existem ingredientes que não se complementam, não se dão bem. Olivier afirmou, entretanto, que não enxerga isso na fotografia. “Não consigo ver algo que não possa ser fotografado. O que faz a diferença é a emoção que a imagem pode lhe transmitir e isso é individual”.

Nesse contexto de buscar a diferença, a emoção, perguntamos qual foi a coisa mais incrível que fez para fotografar: “Em 1970 iniciou-se a construção do centro Pompidou – Museu Nacional de Arte Moderna em Paris (foto abaixo). Eu me infiltrei na obra, subi até o topo e o fotografei inteiro. Fiz uma série sensacional do topo, cheio de contrastes – talvez eu seja o único que tenha feito fotos de lá. E sabe onde estão as fotos? Não sei, elas se perderam. Coisas da vida.”

**“A fotografia  
é um instante  
de um momento  
que vivo”**

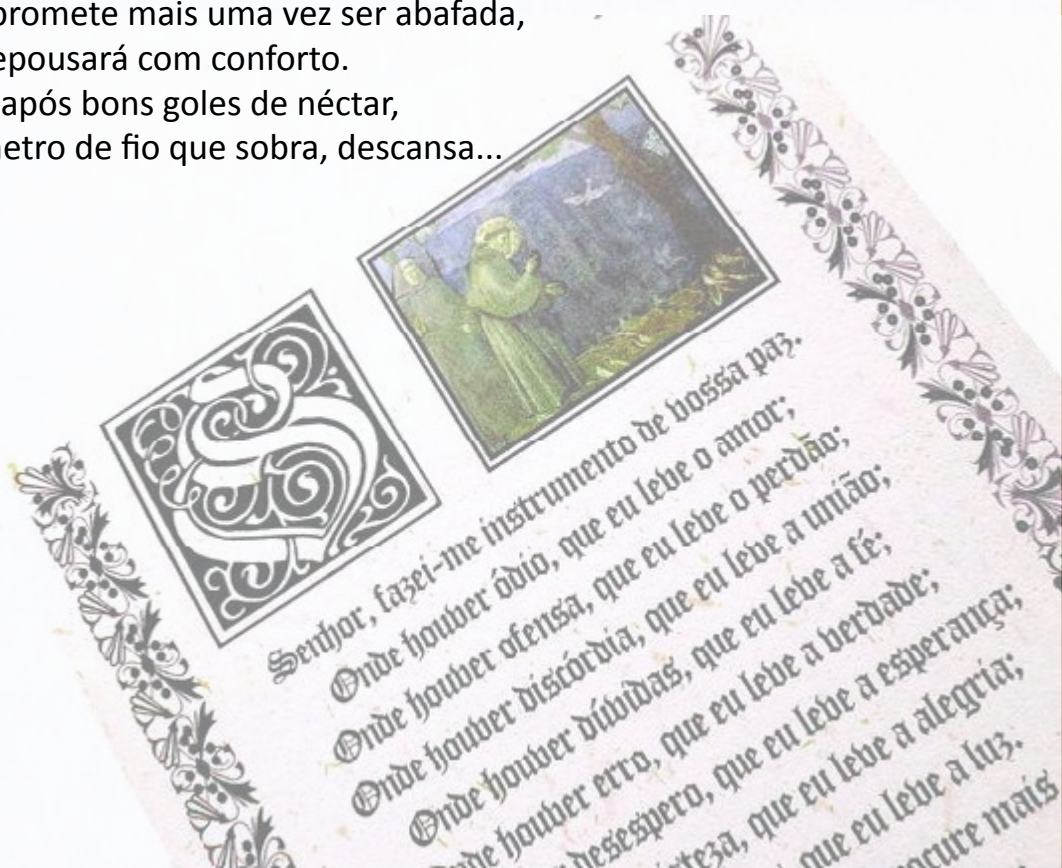
**Olivier Anquier**



# Tem de tudo no varal

**Por Marcelino Lima**

Tem de tudo no varal hoje.  
Peixes, patos, frutas, flores.  
De cores e de tamanhos diversos.  
Cães, ovelhas, muares, borboletas,  
Abelhas, pote de mel, cebolas e cenouras.  
Um gato dócil com um olho aberto,  
O outro fechado, ao fingir que dorme,  
Espia a festa de três camundongos.  
Os amigos do trio refestelam-se com parmesão,  
Todos já bem rechonchudos.  
O ratinho do meio beija o seu bocado.  
Xadrez, losangos, luas e sóis,  
Listas e, por conseguinte, até um arco-íris.  
Há, também, a Oração de São Francisco,  
Quase toda desbotada, herança de avó materna.  
E uma singela mensagem em bordas de renda  
Que as manchas e o tempo não apagaram:  
"Amai-vos uns aos outros".  
O vento, democrático, não faz distinção  
(apurando-se bem os ouvidos, ouve-se sutil farfalhar),  
mas, destoando de tudo, um pijama de seda verde --  
nesta noite que promete mais uma vez ser abafada,  
a dona da casa repousará com conforto.  
Uma cambacica, após bons goles de néctar,  
No único meio metro de fio que sobra, descansa...



Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz.  
Onde houver ódio, que eu leve o amor;  
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;  
Onde houver discórdia, que eu leve a união;  
Onde houver dúvidas, que eu leve a fé;  
Onde houver erro, que eu leve a verdade;  
Onde houver desespero, que eu leve a esperança;  
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;  
Onde houver trevas, que eu leve a luz.



# O controle: remoto.

*Por Andreia Peinado*

Vejo

Jovem

Vento

Todo

Dono

Norte

Teia

Arma

Massa

Sala

Lata

Tarde

De

mais

Reparo

O carro

Roda

Alta

Miro

Disparo...

A dança?

Cansa!

Assa s sino.



# NESTOR





# LAMPROS

"Diálogo Surdo" (acrílico sobre tela 1998)



Site e blog multiarte:

<http://caligrafiadoimpossivel.blogspot.com/>

Quadrinhos de Nestor:

<http://nestoriasemquadrinhos.blogspot.com/>

# Paisagens Movidas



**A**na Procopiak vive e trabalha em Curitiba, PR, Brasil. Artista visual, designer e professora universitária, mestre em Comunicação e Linguagens. Participou de várias exposições individuais e coletivas. Na exposição Paisagens Movidas, a artista apresenta uma série de imagens, cujo tema é a paisagem. São fotomontagens, gravuras digitais, collages onde ela apropria-se e desconstrói fotografias de paisagens captadas com o celular; imagens digitais de paisagens colhidas em viagem pelo interior do Brasil. Seguindo os desvios do olhar na construção da paisagem, a artista utiliza procedimentos digitais de desfoque, fragmentação e interação entre imagens e camadas, buscando realizar um jogo interminável entre imagens produzidas.

Segundo a professora e pesquisadora Denise Azevedo Duarte Guimarães no texto de apresentação da exposição “o objetivo da artista é o de criar, por meio da decomposição e superposição de planos, uma imagem conceitual das paisagens, além da representação. [...] metaimagens antinaturalistas, nas quais o artifício não é tomado como ornamento, a artista faz com que as obras assemelhem-se a pinturas, a serem contempladas como tal: prazer da pura percepção”.

## SERVIÇO

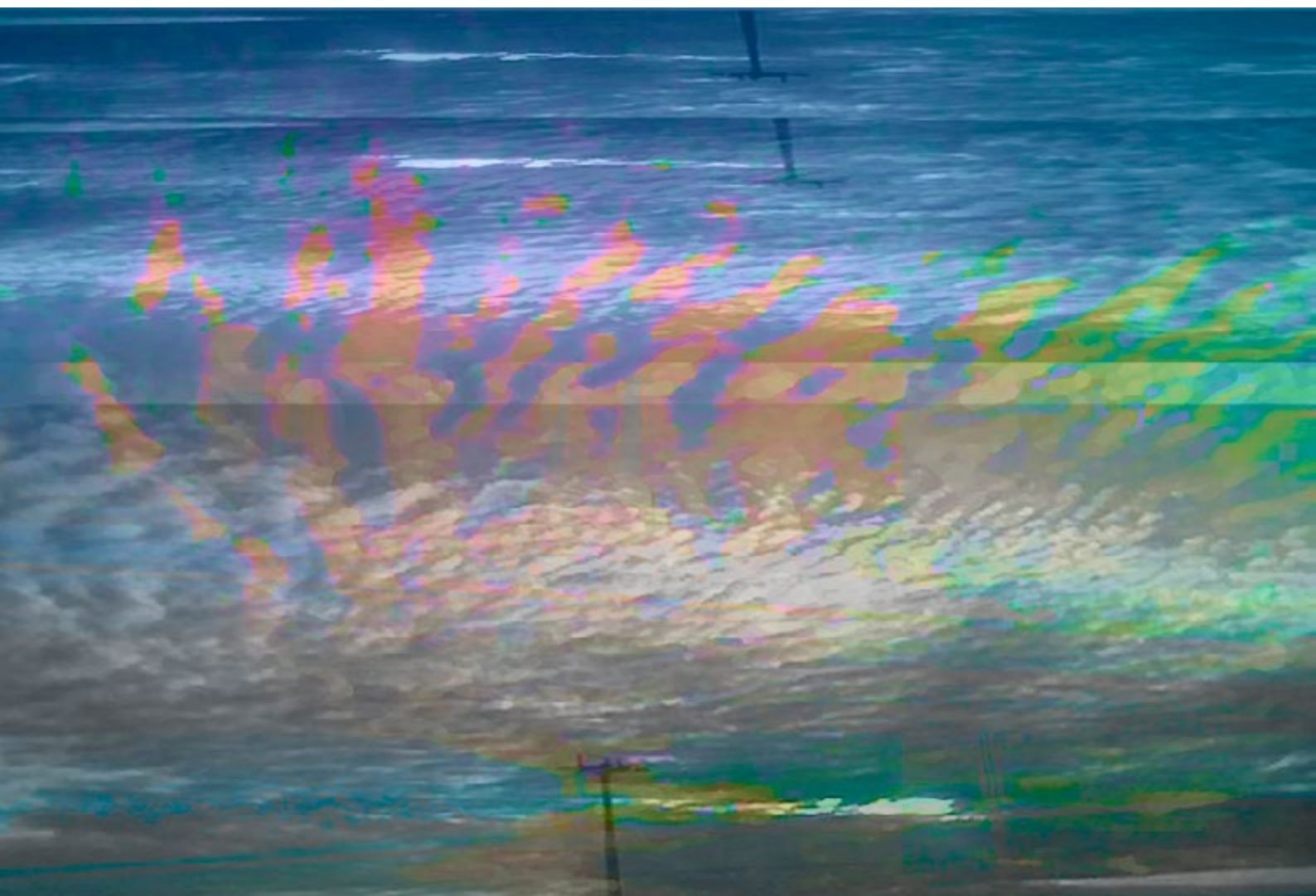
QUANDO? 5 de setembro a 31 de outubro  
2ª a 6ª feira: das 8h às 20h | sábado: das 9h às 13h

ONDE? SESC - Água Verde, Av. República Argentina, 944. Curitiba, PR, Brasil

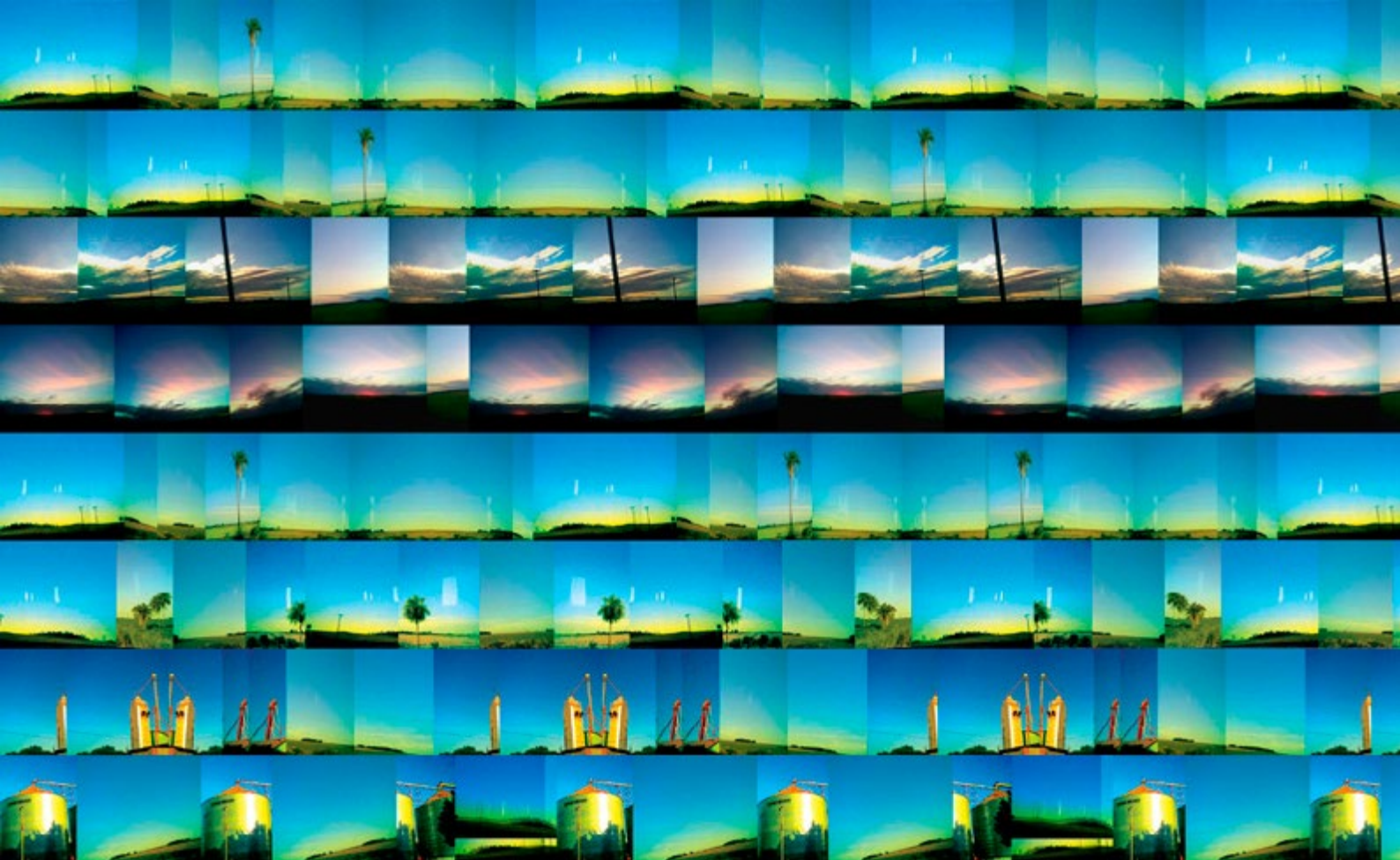




A exposição conta também com um audiovisual produzido pelo Coletivo Kalango, realizado por Alline Nakamura, Alex Natal, Kleber Murça e Osni Dias







# Paisagens Movidas - Apresentação

***Por Denise Guimarães\****

Na exposição "Paisagens Movidas", dando continuidade a seu projeto sobre o tema – paisagem – Ana Procopiak revela um olhar sensível, singular e atual, ao optar pela desconstrução da estética do realismo/naturalismo documental, em favor de um artificialismo deliberado que tende à abstração. Cumpre lembrar que o artificial tem invadido, de forma irrefutável, a textura das práticas artísticas hodiernas, por força das relações entre arte e técnica (techné), aproximáveis de um pensamento artificioso que caracteriza o homem como artifex (artífice) e ser de cultura. Assim é que a ênfase no artificial em detrimento da ilusão da realidade, em cada imagem aqui exposta, permite

que o tema torne-se um pretexto para a obtenção de belíssimos efeitos compositivos.

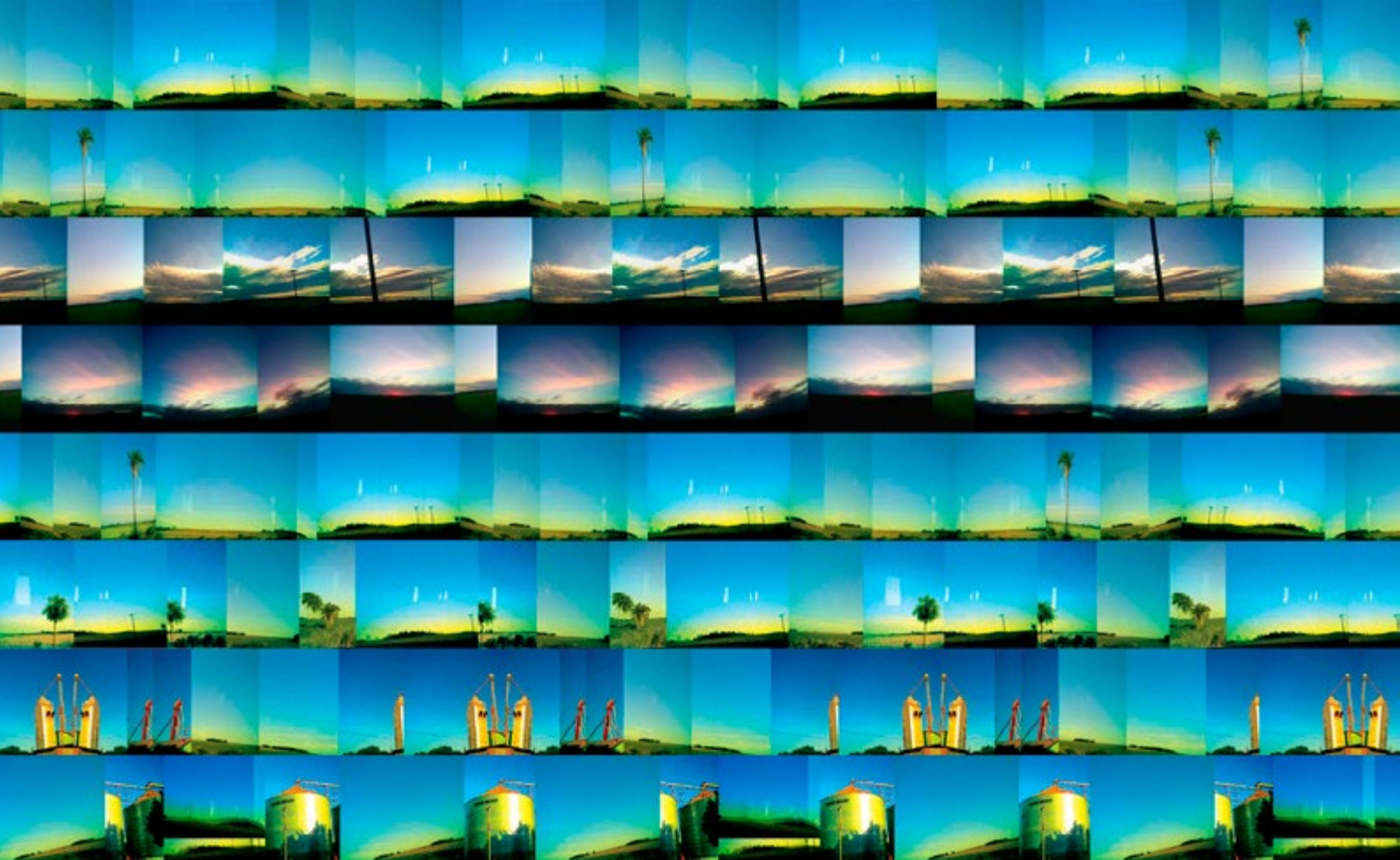
Curiosamente, as fotos das paisagens que deram origem às obras que compõem esta exposição foram obtidas com a câmera de um celular, com pouca definição; imagens digitais precárias de paisagens colhidas em viagem pelo interior do Brasil.

Ao fazer uso de técnicas computadorizadas para a cuidadosa des/re/construção de suas metaimagens antinaturalistas, nas quais o artifício não é tomado como ornamento, a artista faz com que as obras assemelhem-se a pinturas, a serem contempladas como tal: prazer da pura percepção.

De início, noto que os procedimentos digitais de desfoque, fragmentação, deslocamento topográfico ou interação entre imagens e camadas revelam uma estreita relação com processos cubistas de rejeição às técnicas tradicionais de perspectiva, bem como da ideia de arte como imitação da natureza. A ênfase nos cortes metonímicos e sua remontagem como palimpsestos devem ser consideradas como fatos plásticos independentes e que abstraem a aparência imediata das paisagens das fotos originais. Desse modo, o objetivo da artista é o de criar, por meio da decomposição e superposição de planos, uma imagem conceitual das paisagens, além da representação.

Por outro lado, esse jogo de contrastes ou contrapontos apontaria





para aquela *féerie de laboratoire*: algo meio tangível, meio irreal, que permite a percepção de um efeito pictórico similar ao propiciado pela pintura impressionista e pós-impressionista. Refiro-me à atitude estética interessada na presentificação de conteúdos da experiência cinética e transitória das paisagens (entre)vistas, em sua fugacidade. Nas obras desta exposição, entre as confluências e as bifurcações, visualiza-se uma estabilidade que pode ser compreendida como um ponto de ordenação das anamorfozes que se sobrepõem ‘palimpsesticamente’. A um só tempo caos e ordem se integram, em expressivas coordenadas cinéticas. A qualidade estética das obras expostas demonstra que, ao colocar a tecnologia a serviço da arte fotográfica, Ana Procopiak encontra seu modo poético de compartilhar instantes vislumbrados, no entre – lugar das imagens contemporâneas.

**\* A Profa. Dra. Denise Azevedo Duarte Guimarães é pesquisadora em linguagens audiovisuais.**



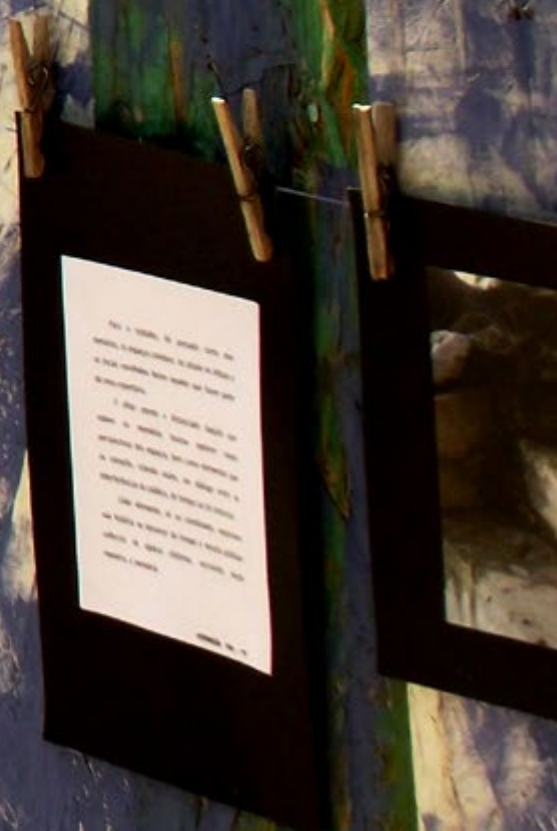


OCUPAÇÃO

# MEMÓRIA SOB TAPUME

Por Ta









FOTOS: Júlia Holzhauser

**Q**uando os tapumes foram colocados em torno do velho Casarão, a intenção era proteger quem quer que estivesse por perto: os que tomam um solzinho ou um sorvete nos bancos da praça e os que simplesmente passam por ali. O transcorrer do tempo e as últimas reformas da Praça da Matriz resultaram em problemas estruturais que ameaçam a estabilidade do prédio de mais de 200 anos.

Muita gente pensou que o Casarão estivesse em reforma, e outros tantos, que seria demolido. A crueza dos tapumes chama atenção no começo, depois a gente se acostuma e deixa de enxergar, inclusive, o que eles propõem proteger. Distraídos e indiferentes na nossa experiência da cidade, corremos o risco de perder nosso Casarão Julia Ferraz. Nosso porque foi palco de momentos decisivos da história e da política da cidade, e porque,

a partir do tombamento, se abriu finalmente para receber a população e sua expressão cultural.

A aproximação do período de chuvas torna o risco de desabamento ainda mais tangível. A associação de proprietários e amigos do prédio, que já trabalhava por apoio financeiro e técnico para realizar o projeto de restauro e garantir a preservação do Casarão, constatou que era hora de informar e pedir a participação de todos.

A mobilização começou com a criação de uma página no Facebook sobre o Casarão Julia Ferraz ([facebook.com/casaraojuliaferraz](https://www.facebook.com/casaraojuliaferraz)) com fotos e vídeo sobre a situação da parte interna do prédio. Em pouco tempo, cerca de três semanas, pessoas de diferentes cidades se manifestaram pela manutenção da casa, da memória e do patrimônio histórico brasi-

leiro. Atibaianos e atibaïenses reavivaram laços afetivos com o Casarão e a cidade, ao se lembrarem da máquina de pipoca, das roupinhas de boneca, do coreto, da barbearia do Biju, da Elos Disco no Grêmio, da infância.

Em apoio a esse movimento de reivindicação da retomada do Casarão, **as artistas Aline Ferrarezi, Fernanda Ono, Ingrid Bergman, Júlia Holzhauser, Marcela Alvim e Pati Bianchi** se juntaram para promover uma mostra de arte nos tapumes. Com fotografia, arte digital e stencil, o grupo convidou o olhar para a materialidade dos tapumes e do próprio prédio. A intervenção provocou os que souberam do evento pela internet e os que passavam pelo local a se reaproximar do Casarão e pensar sobre a necessidade de reapropriação do prédio e da própria cidade como espaço de arte, cultura e preservação da memória aberto para todos.











PRAÇA  
CLAUDINO ALVES  
MODV DVCH

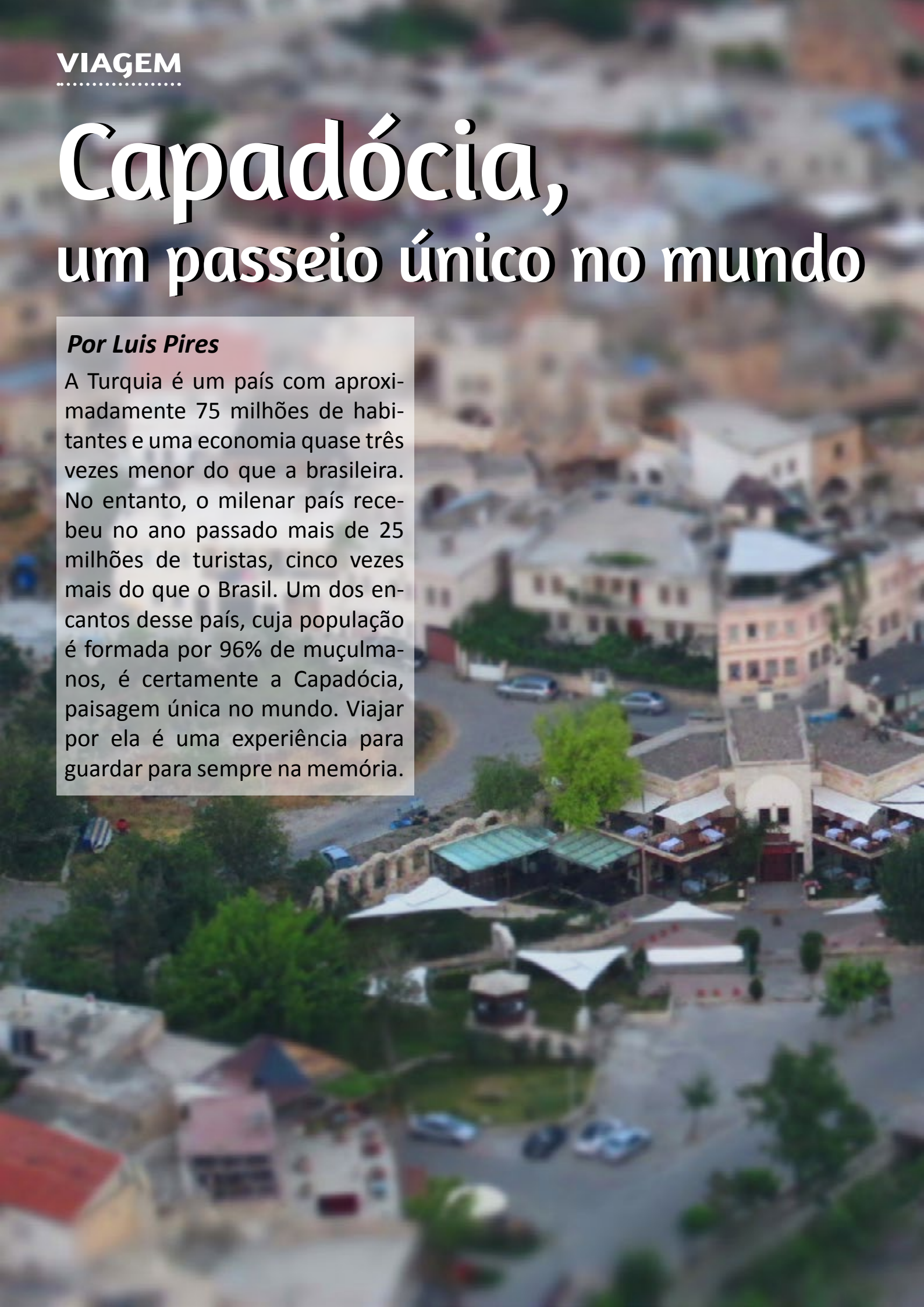




# Capadócia, um passeio único no mundo

***Por Luis Pires***

A Turquia é um país com aproximadamente 75 milhões de habitantes e uma economia quase três vezes menor do que a brasileira. No entanto, o milenar país recebeu no ano passado mais de 25 milhões de turistas, cinco vezes mais do que o Brasil. Um dos encantos desse país, cuja população é formada por 96% de muçulmanos, é certamente a Capadócia, paisagem única no mundo. Viajar por ela é uma experiência para guardar para sempre na memória.









**A** Capadócia se encontra na Anatólia Central, região central do país. Embora não corresponda a uma demarcação política (tanto que não aparece em alguns mapas), é delimitada por um triângulo formado pelas pequenas cidades de Nevsehir, Avanos e Ürgüp, sendo essa última mais conhecida em termos turísticos por conta dos voos de balão. A localização em um planalto com aproximadamente 1.000 m de altitude, garante à região um clima árido, com altas temperaturas no verão e baixíssimas no inverno.

A paisagem é conhecida pelas rochas em formas de cone, apelidadas de “Chapéu de Fada”, formadas quando vulcões inativos há milhares de anos depositaram sobre o solo uma camada de 150 m de lava, que sofreu a ação do tempo ao longo dos séculos. Como era uma importante rota de trânsito entre o Ocidente e o Oriente, vários invasores dominaram a região. Tanto que a Capadócia durante os séculos já esteve sob o domínio dos hititas, frígios, lídios, persas, helênicos, romanos, bizantinos e otomanos. Num momento

da história, algum grupo em fuga descobriu que essas rochas visualmente curiosas -- formadas por tufo calcário -- eram suficientemente macias para serem escavadas. Assim abriram túneis e cavernas artificiais utilizadas como abrigo e com isso conseguiram fugir do extermínio e puderam passar adiante sua cultura, seus costumes, sua religião.

#### **Patrimônio troglodita, séculos de história**

Embora o termo troglodita esteja comumente relacionado à violência, etimologicamente a palavra significa “povo que mora na caverna”. Nesse sentido, a maior área troglodita do planeta se encontra próximo à vila de Goreme. São cerca de 7.000 m<sup>2</sup> de cavernas, que formam incríveis cidades subterrâneas (algumas abertas à visitação), mais parecidas com formigueiros. Caminhos tão profundos que, em alguns casos, nem a arqueologia ainda teve acesso a eles.

Uma das visitas possíveis é o Parque Nacional de Goreme, elevado à condição de Patrimônio Mundial em 1985. O museu a céu aberto concen-

tra centenas dessas construções, que serviram de igrejas e mosteiros, entre os séculos V e XII.

Escavadas nas rochas, com incríveis abóbodas e altares, as cavernas foram utilizadas como refúgio pelos cristãos durante os primeiros anos do cristianismo, quando foram duramente perseguidos e reprimidos pelos romanos. Em diversas delas encontramos figuras de São Jorge que, segundo indícios, teria nascido na Capadócia. A lenda do dragão se formou na idade média e o santo guerreiro -- embora cassado pela Igreja Católica -- é padroeiro de Portugal e Inglaterra e também de diversas cidades da Europa, como Londres, Barcelona, Beirute e Moscou.

Mesmo com essa história secular, há apenas 25 anos a Capadócia ganhou o status de turística, já que até então era praticamente desconhecida, até mesmo pelos turcos. Felizmente hoje a região oferece bons hotéis e boa estrutura, permitindo que o visitante se sinta à vontade para explorar uma das regiões mais curiosas do mundo.





# Voar, voar, subir, subir...

Desde que vi uma foto do lugar, há alguns anos, acalentava o sonho de voar de balão pela Capadócia. Mas os preços nada convidativos me fizeram adiar o projeto. Graças à Glória Perez, que ambientou na região sua última novela, “Salve Jorge”, e ao governo turco, que decidiu subvencionar os preços, consegui um pacote mais barato do que uma viagem ao nordeste brasileiro. Assim, embarquei com a família num voo da Turkish, de 12h30 de duração, sem escalas, entre São Paulo e Istambul.

Após um breve descanso, rumamos de ônibus para a Capadócia, numa viagem de aproximadamente 750 km. No caminho a paisagem foi se modificando. Depois dos distritos industriais próximos à Istambul, passamos por enormes lagos salgados e intermináveis plantações de trigo, que aos poucos foram dando lugar a uma terra quase sem vegetação. Ao cair da tarde chegamos ao nosso destino, fascinados com a primeira visão: montanhas de cavernas escavadas na rocha, convivendo lado a lado com construções de alvenaria. Uma paisagem que parecia saída de algum cenário da saga Star Wars. Hospedamos-nos em Avanos e no dia seguinte, às

4h30, uma van nos apanhou no hotel para nos levar até Ürgüp, de onde sairia nosso voo de balão. Depois de um mirrado desjejum servido meio caoticamente pelos organizadores, ainda sem a luz do sol, centenas de balões coloridos começaram a serem inflados. Enormes, com capacidade para transportar até 30 pessoas cada um. Em poucos minutos já estavam prontos para a subida.

Começou então um espetáculo difícil de ser descrito. Do alto de 500 metros de altura, apareceram os primeiros raios da manhã, num cenário de cair o queixo, único no planeta. Os hábeis condutores passearam por entre as rochas, por vezes baixando o balão para que, fascinados, pudéssemos tocar nas árvores, voltando a subir em seguida.

Cerca de 50 minutos depois, fomos recebidos no solo com uma taça de champanhe, que faz parte do ritual do balonismo, desde o primeiro voo feito pelos pilotos Jean-François Pilâtre de Rozier e François Laurent d’Arlandes, em 1783. Terminamos a aventura com a certeza de que fizemos um dos passeios mais belos de nossas vidas.



































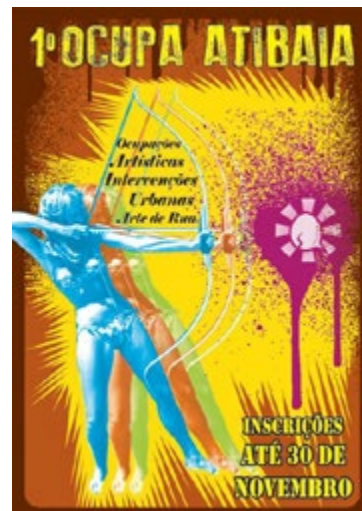




*Atenção artistas de todo o Brasil, a Incubadora de Artistas, cumprindo seus objetivos de ser um pólo catalizador de ações culturais, centro de referência e inovação com CONTRAPARTIDAS SOCIAIS e iniciativas artísticas diversificadas, apresenta:*

# 1ª Ocupa Atibaia

**Por Uncle Dunha**



A Incubadora de Artistas abre inscrições para projetos de ocupação artística, intervenção urbana e arte de rua em Atibaia (SP). A intenção é levar os artistas a ocupar locais públicos e não institucionais como bares, casas, muros, ruas, prédios, estabelecimentos comerciais, industriais, etc. Qualquer categoria de arte será aceita, desde música, teatro, circo, pintura, grafite, fotografia, escultura, instalação, performace e até audiovisual.

As inscrições são abertas para artistas de todo o Brasil, porém a realização do projeto tem que acontecer obrigatoriamente na cidade de Atibaia – SP. O eventual contato com os donos dos locais devem ser feitos pelo próprio artista, assim como a apresentação do projeto. A proposta é fazer com que o artista estabeleça um diálogo com a cidade e seu meio, fazendo com que as pessoas abracem e apoiem o projeto como parceiros. A Incubadora vai ser um agente facilitador do processo.

Cada projeto selecionado terá um apoio de R\$ 1.500,00. As inscrições devem ser feitas por e-mail, no contato@incubadoradeartistas.com.br Forneça seus dados pessoais (nome, endereço, fone, e-mail) nome do projeto, breve currículo e descrição do projeto, de preferência com imagens, ilustrações ou vídeos ilustrativos. O prazo final para inscrições é 30 de novembro e serão selecionados até 10 projetos. Corra que ainda dá tempo!



Em apenas 3 anos de existência e com 16 números publicados, a Revista **Kalango** tem mais de 50 mil leitores por edição, com textos exclusivos, jornalistas profissionais e uma equipe de colaboradores de causar inveja a qualquer publicação.

**Apoie a Kalango.**

Sua marca estará vinculada a um **conteúdo de qualidade**, alto nível e um público formador de opinião. É retorno garantido.





TELEVISÃO

# E a MTV se despede...

*Por Jesse Medeiros*

E a MTV deu adeus oficialmente ao canal 32 UHF. Em 26 de setembro se deu o fim das transmissões a partir do antigo prédio na Alfonso Bovero, onde nasceu a televisão brasileira com a TV Tupi em 1950, em São Paulo. A decadente editora Abril não segurou a bronca e devolveu a patente para a matriz norte-americana VIACOM, que promete retomar nova programação com o mesmo nome MTV, só que em TV fechada. Nos tempos do canal 532, tive a honra de fazer participações azucrinando portas de shows no programa GORDO FREAK SHOW e sou muito grato a Roberto Ortega por essa oportunidade.



Texto escrito por Jesse ao caderno Ilustrada, da Folha de S. Paulo, sobre a peça "E éramos todos Thunderbirds", de Mario Bortolotto. O dramaturgo já lamentava nos palcos o fim de uma era que fazia a cabeça da juventude alternativa

I never meant to  
cause you any  
sorrow I never  
meant to cause  
you any pain I only  
wanted one time to  
see you laughing I

only want to see you  
laughing in the purple

rain purple rain, purple rain I

only want to see you bathing in the purple rain I never wanted to be  
your weekend lover I only wanted to be some kind of friend baby I  
could never steal you from another it's such a shame our  
friendship had to end purple rain, purple rain I only want to see you  
underneath the purple rain honey, I know, I know, I know times are



Netto



# É o computador quem cria seu logotipo?

**A**lgumas pessoas acreditam que o simples domínio dos softwares de design gráfico garante a criação de um logotipo. Mas será que apenas isso é suficiente para se criar um bom logo? Para se criar um logotipo é exigido do designer muita paciência, criatividade, análise, estudo de mercado, conhecimento e tempo. Um logotipo é a tradução visual do conceito da marca. Um bom logo comunica as qualidades mais importantes de uma empresa e estabelece imediatamente o reconhecimento da mesma pelo público.

Em um mercado concorrido, a presença de uma logomarca bem feita faz a empresa ou o produto se destacar entre seus concorrentes, transmitindo profissionalismo e confiabilidade. Ele é tão importante quanto o ponto comercial, o produto e o atendimento.

No processo de criação é importante obter soluções originais. Um logotipo também precisa ser simples sem ser pobre e apresentar equilíbrio, o que não significa tudo centralizado. Para construir um logotipo, não basta apenas escrever um nome com um tipo de letra padrão do computador. Além do processo criativo é muito importante também o estudo do mercado. Cada produto, loja ou serviço tem a sua característica, sua concorrência. Estudar e entender o mercado são serviços da agência de design que completam a parte criativa do logotipo. Não dar a importância devida ao logo é começar a sua empresa com dois “pés

esquerdos”. Contratar um designer gráfico com experiência no mercado, boa formação e que possa compreender o que o cliente precisa, mesmo que ele (o cliente) ainda não saiba, é fundamental para o bom início de um empreendimento.

Entregar essa tarefa a curiosos ou a empresas que produzem fachadas, gráficas, curiosos, pessoas que levam jeito na coisa ou mesmo aquele primo cheio de boa vontade, pode não ser muito satisfatório pois o logo geralmente é desenvolvido de maneira errada, pobre ou pouco original, devido à falta de experiência ou capacidade.

## **E se eu comecei errado, o que faço?**

Se acalme. Não é porque você está com uma marca fraca e de difícil identificação, que ela vai ter que ficar assim pelo resto da vida. O designer pode remodelar seu logo, sem parecer que é outra empresa. Isso é comum nos dias de hoje, tanto que se for observar as alterações da Coca-Cola, poderá ver o tanto que ela mudou com o passar dos anos. Procure sempre um bom profissional em designer e marketing e evite dores de cabeça, conheça os trabalhos que ele já realizou e peça referências.

**Patricia Netto é formada em Marketing, Desenho Publicitário pela Escola Panamericana de Artes e cursando Publicidade na FAAT. Atende pela Netto Multiagência. atendimento@netto.art.br**



A Revista Kalango está no [Facebook](#).  
Entre lá, dê um Curtir e Compartilhe.



**VOLTE SEMPRE**